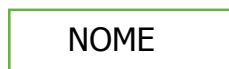


## QUAL É O NOME DELE?

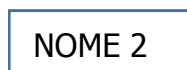
**HÉLIO JOSÉ GUILHARDI<sup>1</sup>**

Tentava me lembrar do nome dele. Nossos caminhos se cruzavam com frequência nas manhãs de domingo. Eu levando meu cachorro pelas trilhas de Joaquim Egídio; ele voltando... Trocávamos breves palavras... Naquela manhã, eu não conseguia me lembrar do seu nome. Seu rosto era nítido nas minhas imagens, assim como seu cachorro, um Cocker chamado Teodoro... Mas e o nome dele? Senti-me desafiado: tinha que me lembrar!

Fixei uma imagem diante de mim: visualizei meu companheiro de trilhas guiando Teodoro... Seu rosto me era completamente nítido. (Estava vendo na ausência do objeto visto!) Abaixo da foto coloquei um retângulo em branco sobre o qual me propus a ler o nome dele... quando me lembrasse!



Abaixo coloquei três retângulos, nos quais ensaiei ler três diferentes nomes (comportamento verbal textual na ausência de texto). Assim:



Os nomes iam variando de três em três. Programei um controle de estímulo para aumentar a variabilidade de emitir nomes. Em algum momento, um nome escrito-lido teria a função de SD: diante dele, emitir em voz alta o nome lido seria reforçado naturalmente pelo pensamento "Lembrei-me!" e, na situação natural, pela reação do meu companheiro de caminhada (Sr+ social): um sorriso, uma frase!

Fui tentando: Flávio, Armando, Renato, Roberto, Toni, Paulo... O que estava tentando era chegar a e identificar uma relação de equivalência entre estímulos: um nome específico equivale à foto visualizada, a qual equivale à pessoa real de quem procurava lembrar o nome. Fui tentando... tentando... até que Carlos, ou mais precisamente Carlinhos... Eureka! Cheguei ao nome. Agora a imagem ficou assim:

---

<sup>1</sup> Abril/2015



Podem estar se perguntando como, afinal, identifiquei, dentre os muitos nomes lembrados, qual era o nome do meu amigo. O que tentei fazer foi uma relação de equivalência entre o nome e a foto (era o que faltava para eu me lembrar), já que a equivalência entre a foto e a pessoa estava intacta. Foi um procedimento para evocar o nome através de programação de controle de estímulos. Não há necessidade de inventar uma entidade mentalista chamada “memória” para explicar o que ocorreu. Não se trata de exercício para melhorar a memória. Basta constatar que o procedimento funcionou. Os conceitos subjacentes são: equivalência de estímulos e controle de estímulos.

Voltemos agora à realidade. Que alívio senti: lembrei-me do nome! É desconfortável tentar se lembrar de um termo e não conseguir... Todos já experimentaram tal sensação, acredito.

Coloquei a guia na Juana e saímos para nosso passeio. Estava seguro; só faltava cruzar com o dono do Teodoro e falar com todos os sons: “Oi, C-A-R-L-I-N-H-O-S!”

Nesse domingo, Carlinhos não apareceu!